II CONGRESSO INTERNACIONAL
CALEIDOSCÓPIO
DA CIDADE CONTEMPORÂNEA
05 a 08 de junho de 2017 - Campos dos Goytacazes - RJ - Brasil

A ARTE URBANA NO ESPAÇO PÚBLICO: O ROMPIMENTO DO COTIDIANO

Luiz Antonio Furtado Aguiar
Mestrando em Geografia, PUC-Rio
Furtado.luiz14@gmail.com

1- INTRODUÇÃO

A ideia de observar a cidade através da arte é algo que paira sobre o imaginário dos cidadãos desde os primórdios da urbanização, principalmente quanto a transformação da paisagem bucólica no atual cenário dos centros urbanos pelo mundo. Enxergando a arte urbana como um meio de propagação de uma diferente visão da e sobre a cidade observaremos como se dá essa manifestação no espaço público e sua capacidade de romper com um cotidiano programado.

As cidades que hoje temos como concebidas são o foco de alastramento da sociedade moderna, se apresentando como uma realidade em perpétua construção, servindo como ponto nodal do desenvolvimento dos meios de produção e influenciando ativamente na promoção de uma cultura produtivista em nosso cotidiano.

Quando enxergamos um muro pintado de branco ali podemos observar a ausência a e presença de uma ordem vigente, no caso de observar um muro pichado ou grafitado observamos também uma ordem que segue uma série de códigos e símbolos. Essas pinturas nas paredes são capazes de nos tirar de nossa zona de conforto e nos por a pensar e repensar os domínios da vida cotidiana e do espaço público e é por esse viés que pretendemos seguir como fio condutor do presente artigo.

Com base para um estudo acerca da arte urbana partimos da concepção de espaço público, ou dentro de qual limite temos um projeto de espaço público que reflete apenas uma representação do estado no espaço, seguindo um aparato de leis e regimentos supra-citadinos. Posteriormente iniciado o debate acerca do espaço público observaremos então as manifestações artísticas no espaço como representações capazes

de romper com o cotidiano programado e assim ir de encontro a lógica produtivista da rotina das grandes cidades.

2- CONSIDERAÇÕES SOBRE A ARTE URBANA

A sociedade moderna ruma a um desenvolvimento urbano cada vez mais intenso, as cidades se encontram em pleno crescimento, a arte se apresenta então como um escape a essa intensa relação do homem com o meio urbano. Essa intervenção não se dá de maneira homogênea no espaço, destarte a seguir nos preocuparemos em elucidar essas manifestações buscando compreender essa relação de subterfujo.

A fim de organização teórica diferenciaremos aqui a arte urbana em duas abordagens, ambas divergindo da opinião pública que classifica-os apensar por sua matriz estética. A primeira abordagem parte das contribuições dos movimentos contraculturais iniciados no final dos anos 1960 com fortes influencias nas diferentes vertentes da arte mundial. Uma segunda abordagem que também é proveniente desse movimento subversivo mas que se estabelece no início dos anos 1970 na cidade de Nova Iorque, Estados Unidos. Esse movimento popularmente chamado de Hip-hop tinha como intencionalidade o revide cultural a opressão sofrida nos guetos da cidade pelo povo negro. Um dos pilares da cultura Hip-hop é o grafite, que consistia em marcações nos muros da cidade, além de escritas de ordem e posteriormente servindo para marcar as delimitações territoriais das gangues da cidade.

É pertinente aqui esclarecer que quando apresentamos em duas manifestações distintas imersas na cultura urbana não estamos fracionando o movimento, mas apenas a fim de sistematização, afinal ambas estão inseridas na mesma lógica de intervenção e apropriação da cidade em manifestações artísticas populares rompendo com os muros das galerias de arte.

> A ideia da obra como integrada ao ambiente surge na década de 60, fundamentada no fato de que o espectador não somente a contemplava, mas também a habitava. A arte ambiental coloca tanto o observador como o artista diante do trabalho, do mundo e da natureza, buscando uma interação entre cada observador e a obra observada. (FERREIRA 2005 p.02)

Segundo Ferreira (2005) esse processo de ocupação dos espaços públicos por meio de obras de arte buscava uma libertação da apropriação da arte pelas rédeas do mercado artístico representados nas galerias de arte e exposições itinerantes.

Atravessando o final do século XX para o século XXI notamos uma intensificação nas discussões sobre as intervenções nos espaços urbanos e principalmente sobre as manifestações políticas e artísticas na cidade. A marcação de imagens feitas pelo homem para a posteridade é uma prática que remonta desde os povos nômades que iniciam a passagem da humanidade pelo planeta terra. Todavia o recorte temporal que visamos abordar dessa prática consiste na fase que segundo Ley e Cybriwsky (1974)

> The contemporaryreappearanceofgraffiti dates from 1965, orperhaps a littleearlier. The numberofarticlesandcommentariesongraffiti in popular magazines andthe New York Times increasedfromonlyone over thefifteen-yearperiod, 1950-64, tofive in 1969, andthentoforty in 1972. (LEY e CYBRIWSKY 1974 p. 491)

Observamos na contribuição da autora Vera Pallamin a partir de qual portfólio de transformações a arte urbana vai contribuindo para a ruptura da cidade hierarquicamente disposta, onde repousaria nos arquitetos, urbanistas e engenheiros a construção artística da cidade. Segundo Pallamin (2000).

> Nesse contexto, “fazer urbanística” significa contribuir para a transformação qualitativa do urbano alterando seus objetos, sua capacidade, qualificações, num trabalho que provoca e, ao mesmo tempo, exige a compreensão de seus códigos e a interpretação de suas múltiplas significações. (PALLAMIN 2000 p.17)

Essas transformações no espaço proporcionam verdadeiras experiências artísticas, o viver a arte da cidade, causando impressões estéticas a pontos antes imersos nas construções da cidade. Sendo essas manifestações nem sempre compreendidas pelos que utilizam o espaço público. Segundo Besse (2014).

> Muitos artistas contemporâneos escolheram deixar o universo restrito da galeria (ou pelo menos relativizar o seu papel), para instalar suas obras nos territórios abertos da cidade e da natureza, a céu aberto. (BESSE 2014 p. 24)

Essa transição descrita por Besse e que representa uma transformação principalmente de movimentos que eram subversivos, periféricos e de protesto passam a ser absorvidos pela indústria cultural. O que pretendemos aqui é deixar claro a distinção estética que existe entre o que a opinião pública considera grafite e o picho, havendo códigos não tão claros para distinção dos mesmos. Esteticamente essas duas manifestações são discordantes, contudo nas simbologias da rua ambos ocupam o mesmo espaço e disputam entre si os muros da cidade.

Esses encontros dos artistas urbanos com o espaço público são mediados principalmente pelas legislações e os que fiscalizam as mesmas, no caso a força policial, sendo então um amplo espaço de discussão principalmente os limites que permeiam a inserção da arte no espaço público, e a definição do mesmo em nossa sociedade capitalista moderna.

3-OS LIMITES DO ESPAÇO PÚBLICO

A cidade se apresenta como um espaço em construção, todos os dias observamos placas indicando a construção de um novo condomínio magnânimo, abrem-se novas vias expressas, novos bairros. Mas nessa nova cidade sob a égide do regime capitalista ainda há espaços de comum convivência?

Objetivamos aqui iniciar a discussão de espaço público, privado e as relações de atrito que se apresentam. Apesar de um amplo reconhecimento, observamos que as discussões sobre o espaço público na cidade moderna ainda não suscitaram um escopo teórico, como observamos em Lavalle (2005) “a rigor não existe um campo da teoria do espaço público, pelo menos não no sentido em que é possível se falar, por exemplo, do

campo da teoria democrática ou das teorias do desenvolvimento." (LAVALLE 2005 p. 33).

O supracitado autor nos chama a atenção para a ambiguidade no cunho do termo público, onde nas falas do uso cotidiano ou chamado "rodeio linguístico", que suscita a polissemia do termo. Destarte o conceito de público é então admitido concomitantemente como esfera pública, vida pública, espaço público e o mais objetivo, na sua relação público-privado.

Para discussão do espaço público, as contribuições da arquiteta Vera Pallamin (2005) estão principalmente na abordagem acerca das dimensões do reconhecimento em espaços públicos, com segundo a autora.

> Estas intervenções, encarando tensões sociais de frente, tem promovido mudanças de valores em escalas significativas, evidenciando ao mesmo tempo o espaço público como arena de controvérsia política em que o dissenso é parte integrante de sua natureza e não obstáculo a ser evitado e rechaçado a qualquer custo. (PALLAMIN 2005 p.55)

O reconhecimento nesses espaços passa por uma teia de aspectos sociais, aparecendo então no reconhecimento do outro o caminho para o reconhecimento de si próprio. É a relação observada pela tensão entre o que a autora vai chamar de "Me" como uma interiorização de aspectos externos, já o "Eu" como intrínseco ao ser social.

Essa ideia de espaço público se apresenta então imersa dentro de um contexto claro, de uma sociedade fundada no capitalismo moderno, na princípio democrático da igualdade de diretos e deveres. Esse principio procedente da revolução francesa, na máxima de igualdade, liberdade e fraternidade, conceitos que fundamentaram a sociedade moderna em uma doutrinação da cidadania.

O espaço público então se apresenta sob a tutela de uma autoridade política que historicamente vem sendo reproduzida socialmente, em uma transição dos regimes monárquicos até a instauração de uma democracia. Essa transição remodelou os espaços

públicos sem alterar o seu princípio de utilização, atribuindo-o de normas e regimentos. Rabotnikof (2005) observa o espaço público na dicotomia público-privado onde segundo o autor:

> La idea de "espacio público" emerge en parte entonces como respuesta a la necessidade de presencia "ciudadana" frente a lafragmentaciónidentitaria, y de reivindicación de la pluralidade frente a viejascaracterizacionesunitarias. (RABOTNIKOF 2005 p. 45)

Essa resposta a necessidade de um espaço comunitário surge então em um contexto ao qual seria de um reducionismo negligente observar a partir de uma só dimensão, Rabotnikof (2005) trabalha em três discursos sobre o público: uma reflexão jurídica (propriedade privada/pública), sobre os meios de comunicação (publicitado) e acerca das questões urbanas na vida política.

O que observamos então é que o lugar da arte urbana é no espaço público, é na esfera pública do espaço que se desenvolve como segundo MOREN (2009).

> O lugar do grafite é, por excelência, o espaço público: quem escreve ou desenha algo nos muros da cidade tem o nítido objetivo de se fazer ver, de dar voz aos seus pensamentos e sentimentos, de comunicá-los aos outros.(MOREN 2009 p. 29)

Os espaços públicos são por excelência então o palco das manifestações que pensam uma representação de um nova cidade, construída por movimentos que se apropriam do espaço urbano a fim de romper com o cotidiano em sua prática.

4-O ROMPIMENTO DO COTIDIANO

Ao observarmos a cidade nos reportamos a uma dicotomia já discutida no presente trabalho, entre o espaço público e o privado e de onde a arte urbana se apropria

recriando os espaços de maneira lúdica e subversiva. É interessante nos voltarmos a abordagem da Pallamin (2000).

> O relevo dos significados das obras de arte urbana e sua concretização no domínio público dão-se em meio a espaços permeados de interdições, contradições e conflitos. Sua efetivação porta relações de força sendo exercida entre grupos sociais (...) (PALLAMIN 2000 p. 24)

Esse espaço socialmente produzido e reproduzido em suas relações sociais pode ser observado também como uma construção no outro, no externo a si, na alteridade. No momento em que a arte urbana se apropria do espaço público lhe imbuí então de uma carga simbólica que fricciona o cotidiano à realidade. Esse rompimento do cotidiano é observado em Lefebvre (1991) e na abordagem lefebvriana da Pallamin (2000; 2005).

Para Lefebvre essas criações do espaço lúdico eram movimentos que se apropriavam da cidade, faziam do espaço urbano e que seriam capazes então de promover o rompimento do espaço de poder, recriando assim "(...) Lugares de resistência aos poderes homogeneizadores que através desse se impõem." (Pallamin 2000 p.45).

Essa prática social, à qual nos reportamos possui então uma abordagem que torna palpável sua relação a uma apropriação do espaço urbano, a medida que se apresenta enquanto subversão a uma lógica que regimenta os espaços de convívio podando o espaço criativo. Esse movimento se apresenta no espaço urbano a partir do cotidiano, esse que foi objeto de estudo de Henri Lefebvre, em seu livro dedicado aos estudos do cotidiano "A vida cotidiana no mundo moderno" o autor discute a relação sociedade e cotidiano imerso na sociedade burocrática de consumo dirigido um exemplo francês. Segundo Lefebvre (1991).

> Tratando-se do cotidiano, trata-se portanto, de caracterizar a sociedade em que vivemos, que gera a cotidianidade (e a modernidade).(...) Não

> apenas a cotidianidade é um conceito, como ainda podemos tomar esse conceito como fio condutor para conhecer a "sociedade", situando o cotidiano no global. (LEFEBVRE 1991 p. 35)

Esse cotidiano estabelecido na cidade moderna e ainda de acordo com Lefebvre (1991) quando uma sociedade não suporta mais sobreviver o cotidiano apresentado é então que se instaura uma revolução, destituindo as antigas relações. O que observamos é que as rupturas do cotidiano não desaparecem permanentemente, mas sim se apresentando enquanto rupturas do mesmo, o que é um movimento rumo a uma cidade lúdica.

O cotidiano nas vidas da cidade se apresentam na sua relação entre essa forma espacial urbana e as relações sociais na cidade, imerso nessa discussão temos a contribuição do geógrafo Daniel Hiernaux (2006) que tem contribuições acerca da dimensão da essência urbana.

> Proporemos uma definição da essência do urbano que levará em conta três categorias fundamentais: o labirinto, o fugaz e o fortuito. Estas são três figuras metafóricas essenciais a partir das quais se pode desvelar a essência da cidade. (HIERNAUX 2006 p. 199)

Essas categorias ou dimensões possuem características que nos auxiliam a compreender essa subjetividade da cidade, o labirinto parte do princípio de que a forma espacial da cidade contribui para um andar labiríntico, sendo esse labirinto não só físico mas também mental. O fugaz é a que parte da análise da velocidade do movimento da cidade, um ritmo fugaz de uma dinâmica efêmera de manifestações no espaço, onde aqui observamos com clareza as asserções da arte urbana na cidade. Por fim a riqueza do fortuito, onde Hiernaux (2006) introduz a abertura da cidade as múltiplas possibilidades nela criadas onde "sempre pode surgir algo novo, inesperado, fortuito" (HIERNAUX 2006 p. 202).

É inserido nessas rupturas do cotidiano que observamos a arte urbana e seu papel de apropriação (não como propriedade) do espaço público, determinando os espaços de convivência como verdadeiras galerias de arte a céu aberto, com movimentos que se misturam em sua insurgência, estética e no sentido de protestar contra a propriedade privada.

5-CONSIDERAÇÕES FINAIS

Aqui dedicamos algumas linhas para primeiramente compreender os limites do espaço público na cidade e qual a intencionalidade a arte urbana representa esses espaços. Observamos na matriz do movimento contracultural a subversão da lógica capitalista, apresentando uma representatividade das resistências urbanas.

Essas manifestações artísticas do espaço se apresentam no espaço público e busca a transposição desse território a partir da apropriação da arte apresentando para a sociedade um ponto de discordância na opinião pública, principalmente a partir da absorção da arte urbana e grafite pela indústria cultural.

Observamos a arte se apresentando como uma recorrente força de aproximação dos indivíduos à cidade, deixando em marcas a presença ainda que por vezes coibida do ser social na cidade, homens sempre deixaram marcas nos locais que habitaram, com essas manifestações não seria diferente, é o homem se apresentando ao espaço. São diferentes as vertentes e formas de se apresentar à cidade, mas todas tem o mesmo intuito de ocupar o espaço e deixá-lo carregado de significados, rompendo uma cidade homogênea rompendo o cotidiano.

6-REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BESSE, Jean-Marc. **As cinco portas da paisagem – ensaio de uma cartografia das problemáticas contemporâneas**. In: BESSE, Jean-Marc. O gosto do mundo. Exercícios de paisagem. Rio de Janeiro: Editora da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2014.

FERREIRA, Luana Maia. **O espaço urbano como suporte para a arte**. IN: Simpósio Nacional sobre Geografia, percepção e cognição do meio ambiente. S/N. Londrina, 2005.

HIERNAUX, Daniel. **Repensar a cidade: a dimensão ontológica do urbano**. IN: GEOUSP – Espaço e Tempo n.20. São Paulo, 2006.

LAVALLE, AdriánGurza. **As dimensões constitutivas do espaço público: uma abordagem pré-teórica para lidar com a teoria**. IN: Espaço & Debates – v.25 / n. 46. São Paulo, 2005.

LEFEBVRE, Henri. **Apresentação de uma pesquisa e de alguns achados**. IN: LEFEBVRE, Henri. A vida cotidiana no mundo moderno. São Paulo: Editora Ática, 1991.

LEY, David; CYBRIWSKY, Roman. **Urbangraffiti as territorial markers**. AnnalsoftheAssociationof American Geographers. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/2569491> Acesso em: 17/02/2015.

MOREN, Alice Belfort. **A vida dos muros cariocas: o grafite e as apropriações do espaço público de 2007 a 2009**. 2009. Disponivel em: <http://www.rio.rj.gov.br/dlstatic/10112/1806097/DLFE237635.pdf/AVidadosMurosCariocas_AliceBelfortMoren.pdf> Acesso em: 13/04/2015

PALLAMIN, Vera. **Espaço público e as lutas por reconhecimento**. IN: Espaço & Debates – v.25 / n. 46. São Paulo, 2005.

PALLAMIN, Vera. **Arte Urbana: São Paulo – Região central (1945-1998) Obras de caráter temporário e permanente.** São Paulo: Fapesp. 2000.

RABOTNIKOF, Nora. **El espacio público: variacionesen torno a un concepto**. IN: Espaço & Debates – v.25 / n. 46. São Paulo, 2005.